

PASCAL E A TEOLOGIA DO LEVAR VANTAGEM SEMPRE

Todos os religiosos de matriz judaico/cristã partem do pressuposto de que a Bíblia é a “palavra de Deus” escrita. Para tal afirmação caberiam as perguntas: Qual língua que Deus fala? Qual é o critério de verdade que se usa para afirmar que a Bíblia é a “palavra de Deus”? O critério é puramente a fé dos pregadores. Portanto, do ponto de vista lógico, tal afirmação carece de fundamento.

Na ciência, para as coisas sensíveis, o critério de verdade é o da concordância entre o objeto mesmo e a ideia formada do objeto. Se concordar o empírico (objeto) com conteúdo mental (ideia), diz-se ser uma verdade empírica. Para afirmar as coisas inteligíveis o critério de verdade é a não-contradição discursiva. Não ocorrendo contradição nas ideias, diz-se ser verdade lógica racional. Já, nas religiões o critério de verdade é a fé. Lembrando que, do ponto de vista lógico, um axioma não necessita ser demonstrável empiricamente, mas deve ser racionalmente (matemática ou logicamente) demonstrável. Se não o for, é petição de princípio.

No que se refere a Bíblia e Deus, pode-se ter apenas duas certezas: 1) A Bíblia é uma coisa espacial/temporal e com tal deve ser tratada. 2) Uma coisa é certa: Deus existe ou Deus não existe e tal disjunção não temos como demonstrá-la por tabela-verdade qual das proposição é a verdadeira. Embora, segundo Descarte, a única certeza que se pode ter é que “eu existo”. Pois, eu penso ou, como afirmou Agostinho de Hipona, eu me engano, logo eu existo.

Mas, segundo Pascal, acreditando-se em Deus pode-se chegar apenas a dois resultados: (1) Ganho infinito, a vida eterna após a morte, o céu, o paraíso. Ou, (2) a uma perda finita, que foi o esforço que a religião exigiu durante a vida do crente. Por outro, não acreditar em Deus também levaria a dois resultados possíveis: (1) Perda infinita, castigo eterno, inferno. Ou, (2) a um ganho finito, os prazeres que pode ter na vida sem abdicar deles por força de imposições religiosas. Então, simplificando, pode-se apostar que Deus existe. Pois, se acreditar e Deus existir, ganha-se. Se acreditar e Deus não existir, perde-se nada. O Problema está em não acreditar e Deus existir, aí,

lasca-se. Então, é mais vantajoso, segundo Pascal, acreditar. É a teologia do levar vantagem sempre.

Tenho a Teologia como um hobby. Pois, além de Agostinho e Tomás, leio também obras Leonardo Boff e de Paul van Buren entre outros. Por exemplo, no livro “Alle frontiere del linguaggio” (As fronteiras da linguagem), van Buren sustenta as seguintes teses: 1) A nova função da teologia é mostrar que o discurso religioso não diz respeito a Deus, mas que é um discurso relativo ao homem aqui na terra; 2) Que no centro da plataforma linguística está a linguagem regulada pela ciência e pela vida cotidiana; 3) Que na periferia da plataforma linguística estão as metáforas e as analogias. Por exemplo: Quando se diz “Jesus morreu durante o consulado de Pôncio Pilatos” é um fato do centro da plataforma linguística; porém, quando se diz “Jesus morreu pela nossa salvação”, é uma metáfora que só tem significado na periferia da plataforma linguística; e, quando se afirma que “Jesus ressuscitou dos mortos” é a metáfora da metáfora, é a última fronteira periférica da plataforma da linguagem.

Em que se sustentam as teses de van Buren? Sustentam-se no ceticismo religioso, também conhecido como agnosticismo. O agnóstico não nega Deus, apenas afirma que, se ele existir, não pode se conhecê-lo e se, animicamente, conhecê-lo não se pode dizê-lo. Pois, como pode o finito conhecer o infinito? Mas, se, animicamente, conhecê-lo, como dizê-lo se a linguagem humana é finita? A linguagem humana tem um número de fonemas finito. Novamente, como o finito pode descrever o infinito? Logicamente é mais sustentável do que os afirmativos categóricos usados nas teologias de forma geral.

Sei que o senso comum me acusa de ateísmo. Mas, eu sou cartesiano e levo a sério o método da dúvida de Descartes: Duvidar de tudo que não se apresenta com clareza e distinção à minha inteligência.

Curitiba, março de 2012.